

“PARA SEGUIR À CARAVANA DO AMOR”: ETNOGRAFIA DE UM CASAMENTO REALIZADO NO PRESÍDIO ESTADUAL DE RIO GRANDE (RS)¹

Sabrina Rosa Paz²

RESUMO: O Presídio Estadual de Rio Grande, situado no Município de Rio Grande (RS), é um estabelecimento misto, ou seja, comporta homens e mulheres em seu interior. Diferentemente dos demais estabelecimentos da 5ª Região Penitenciária, com condições semelhantes – localizados nos municípios de Camaquã, Pelotas e Santa Vitória do Palmar – nesse, não é permitido a visita íntima entre mulheres e homens presos que se conhecem na prisão. Desse modo, nesse trabalho, atentamos para uma das dinâmicas intra-muros do presídio de Rio Grande, engendradas, em alguma medida, pela escassez, na região (assim como no restante do Brasil), de estabelecimentos prisionais exclusivos para mulheres e a conseqüente, conversão, por força dessas circunstâncias, de estabelecimentos carcerários destinados aos presos homens em presídios mistos. Nesse presídio, a solução encontrada pelos casais para obterem o consentimento dos funcionários da instituição para manterem relações sexuais é a realização do “casamento”. A família do noivo, em especial, a mãe, é quem se responsabiliza pelos trâmites legais. O momento do casamento é marcado pela tensão de “*casar com uma pessoa que não se conhece*”, mas também pela enorme vontade de “*seguir à caravana do amor*”, ou seja, acompanhar as demais mulheres que no dia da visita íntima “*amam*” seus maridos. Esta etnografia está ligada a meu projeto de mestrado junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, vinculado ao ISP/UFPel.

PALAVRAS-CHAVE: Gramática de gênero; presídio; sistema de justiça criminal.

INTRODUÇÃO

O Presídio Estadual de Rio Grande (PERG), situado no Município de Rio Grande (RS), é um estabelecimento misto, ou seja, comporta homens e mulheres em seu interior. Diferentemente dos demais estabelecimentos da 5ª Região Penitenciária, com condições semelhantes – localizados nos municípios de Camaquã, Pelotas e Santa Vitória do Palmar – nesse, não é permitido a visita íntima entre mulheres e homens presos que se conhecem na prisão. Desse modo, as mulheres presas no Presídio Estadual de Rio Grande, apenas possuem

¹ Trabalho apresentado na 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.

² Mestranda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

autorização para se relacionar sexualmente com os homens que já mantinham relação antes da prisão. Nesse caso ou a mulher recebe a visita do “marido³ da rua” ou é ela quem se dirige à galeria masculina para visitar o marido que como ela está preso. Como sintetiza dona Maria⁴: “*Só se ele vier da rua. Aí pode entrar na galeria feminina, mas se ele tiver preso é a presa que tem que visitar*”.

A proibição da visita íntima, para os casais que se conhecem na prisão, segundo o administrador geral Hamilton Luis da Silva Fernandes, se deve ao fato de que no período em que a visita foi permitida, houve casos de prostituição e muitas trocas de parceiros.

Não obstante isso, as psicólogas da mesma instituição, contaram que a “liga”⁵ deixou de ser permitida também em virtude dos casos de gravidez “indesejada” e de casos de contaminação de doenças sexualmente transmissíveis. A este respeito, elas contaram ainda, que tentaram minimizar o problema, realizando palestras/ encontros que tratavam sobre a importância do uso de preservativos, sobre as formas que se contrai o vírus do HIV... Como a iniciativa não teria surtido efeito, determinou-se que as mesmas deveriam verificar quem tinha condições de receber a “liga”. Sentindo-se incapacitadas para realizar esse tipo de julgamento, a decisão tomada foi no sentido de acabar, nesses casos, com a possibilidade da “liga”.

Janice (mulher de 20 anos, que casou no presídio no dia cinco de novembro de 2007) confirma, dizendo que:

[...] as de antigamente torraram a liga. Ligavam com um, ligavam com outro, aí já não queria mais àquele outro, aí já ficava com outro, aí torraram a liga. Em Pelotas é liga a qualquer hora. Com qualquer um tu liga. Aqui já não. Quando não acerta com um vai com outro, mas aí também é muita baixaria, né?

Ainda em tom de desaprovação, Sinara e Luana (duas presas trabalhadoras⁶) contaram que antigamente as mulheres “*ficavam mudando a todo o momento de homem*” e que por essa razão “*todas pagaram por uma*”.

Ocorre que por mais que a administração proíba o contato entre as mulheres e os homens presos (assim como a visita íntima, também é proibido beijos, conversas na janela, trocas de cartas), esse contato existe, assim como existe trocas e acúmulos de namorados. Tanto Sinara, quanto Luana – embora no início da minha estada no campo tenham assumido

³ No Presídio Estadual de Rio Grande, “marido” refere-se ao homem que mantém relações sexuais com a mulher, exige exclusividade e a provê, independente de serem eles casados ou não.

⁴ Serão utilizados nomes fictícios.

⁵ Esta palavra empregada no seu sentido êmico é o mesmo que autorização para a visita íntima.

⁶ No presídio Estadual de Rio Grande, as mulheres presas “moram” em celas localizadas na galeria feminina. Essa galeria é dividida em duas partes que não se comunicam. Na primeira, chamada de galeria A, moram as mulheres trabalhadoras. Na segunda, chamada de galeria B, moram as mulheres que não trabalham. Segundo algumas agentes, as mulheres da galeria A são mais “tranqüilas”. Ocorre, que para preservar vantagens, como o trabalho, que lhes garante a remição, elas precisam agir conforme as determinações da guarda. Por esse motivo é que são chamadas por algumas de “perdigão” e/ou de “presas que trabalham para a polícia”.

um discurso semelhante ao da guarda – “*ficam com um, depois ficam com outro, depois voltam a falar com aquele um*”, num modo particular de namoro que está ligado a uma sociabilidade cuja expressão dos afetos se dá num presídio misto, onde as mulheres são minoria. O acúmulo ou as trocas de namorado, ora são condenadas – por ferir a imagem da mulher – ora são incentivadas – quando essas mulheres são traídas ou quando os namorados e/ou maridos perdem a capacidade de “garantir” / prover a mulher. Além disso, o namoro “de janela”, por carta, por “catatau”, sinais, parece ser uma das estratégias criadas para amenizar o abandono da família, o tempo regulado pela instituição e a monotonia dos dias.

NAMORO E CÁRCERE

Pouquíssimas mulheres recebem visitas de seus maridos no PERG. Em muitos casos, não somente os maridos, como também a família de origem, abandonam as mulheres na prisão. Segundo Mariana, o oposto pode ser dito com relação aos presos homens:

Seja estuprador, seja o que for, mas as mãezinhas estão sempre na visita. Sol e chuva elas vêm com a sacolinha sempre, né? Sempre. Toda a vida assim. Para mulher é mais difícil. A mulher tem que puxar sozinha mesmo. Tem que puxar na tranca. A maior parte da família abandona, né? A gente vê aí! A maioria! Mulher é mais fiel no relacionamento em questão de compromisso. Homem é mais desleixado, não agüentam nem um mês de cadeia.

Esse abandono da família de origem e de procriação parece ser uma forma dolorosa de punição adicional, como já foi apontado por Julita Lemgruber (1999).

Desse modo, muitas vantagens são descritas no que diz respeito à prática do namoro na prisão. Para Suzana, namorar na prisão é melhor do que na rua porque:

Quando a gente está na rua e a gente conhece um cara, é diferente porque geralmente tu conhece primeiro o sexo para depois conhecer a pessoa. Na cadeia não. Na cadeia tu conhece primeiro a pessoa para depois o sexo [...].

Luana, comparando a forma como as mulheres são tratadas pelos homens “na prisão” e “na rua”, diz que os homens, “na prisão”, reparam nos detalhes, percebem as mudanças no cabelo, mudanças nas unhas, elogiam. Dona Maria complementa, afirmando que na prisão “*tem mais respeito que na rua*”.

Segundo Janice, “*os homens viram de costas quando passam pelas mulheres. Ah! Eles respeitam. Aqui dentro, né? Já na rua eu não sei*”.

Para boa parte dos(as) agentes penitenciários, as presas são vistas como mulheres indomáveis, incansáveis, “fogositas” ao extremo,... de modo que procuram vigiá-las ao máximo.

Dona Maria comenta que:

[...] uma guria vai querer um namorado ou coisa assim. Até mesmo sentar e conversar, mas nem isso. Nem na janela pode. Aqui é tudo fechadinho, tudo trancadinho. Não pode. Olhou para lá, conversou, eles já tiram daqui e já carregam para o outro lado [...].

Tamires conta que foi castigada por beijar o seu futuro marido:

[...]imagina! Uma noiva não poder nem chegar na grade p/ dar um beijo... Eu nunca tinha beijado ele, né?! Foi a primeira vez! Mas valeu a pena, né? Não estou nem aí! Foi no começo do namoro isso. No começo quando a gente começou a pensar em ficar junto. Aí eu cheguei perto da grade assim e o guarda deixou pq/ eu pedi p/ falar com ele, né? Aí eu chamei ele p/ dar um beijinho nele, né? Daqui a pouco veio ela (agente mulher) botando a boca! Eu fiquei de cara! Me botou dez dias de castigo e mais trinta... Peguei falta grave. Falta grave por causa de um beijo. Aí depois me deram um PAD! Olha só! Um PAD é falta gravíssima! Por causa que eu fui falar com ele no pátio... Me deu um PAD pq/ eu falei com ele no pátio gritando. Mas quer que eu faça o quê? Não posso mandar uma carta pq/ vocês não deixam, não posso falar com ele no pátio pq/ vocês não deixam. E aí, como é que eu vou ficar? Como é que eu vou falar com ele? Como é que eu vou entrar em contado com ele? Não tem como! Uma carta pelo menos tu não poder mandar para o teu marido, teu noivo, teu namorado, sei lá o quê. Isso aí não pode. Isso aí está errado. Se eu tivesse com quem reclamar eu ia ser a primeira a reclamar e não ia ser só eu, ia ter um monte aí.

Desse modo, a estratégia utilizada pelos casais para obterem o consentimento dos funcionários da instituição para manterem relações sexuais é a realização do “casamento” pois, somente com a realização do casamento é possível a mulher solteira adquirir o direito à “liga” e assim, poder seguir “a caravana do amor”. Tamires é quem nos explica o significado dessa expressão:

A caravana do amor. Vamos p/ caravana do amor! Porque é uma fila, né? Uma galera de mulher subindo. As gurias disseram que estão louca p/ ver a minha cara quando eu descer. E elas começam assim: E se não funcionar? Como é que tu vai subir sem testar antes? Ah! Se não funcionar ele apanha. Eu bato mas eu cuido depois.

A relativização do ideário moderno, para pensar as peculiaridades do casamento que serve para “seguir à caravana do amor” é o que será apresentado no tópico que se avizinha.

A “CARAVANA DO AMOR”

Na busca por relativizar o ideário moderno trago a contribuição de Louis Dumont (1985; 1992), que parte da observação sobre a relação entre as “idéias” e os “valores”, para apresentar a configuração da modernidade e introduzir, em contraste, a configuração não-moderna, colocando-os em perspectiva. Para Dumont (1985), a configuração moderna pode ser considerada como o resultado da “quebra da relação de valor entre elemento e todo”

(DUMONT, 1985, p. 272) e embora se oponha à configuração tradicional, está englobado nela. Ou seja, o individualismo é englobado pelo holismo. Os códigos hierárquicos marcam a presença do tradicional nas culturas modernas.

Com relação à contribuição de Duarte (1986), para a relativização do ideário moderno, é possível afirmar que sua fundamentação se constrói nos termos da “teoria da hierarquia” e da “análise do holismo/individualismo” proposta por Dumont (1985; 1982). O arcabouço teórico desenvolvido por Dumont, permitiu a Duarte (1986) a construção de um modelo explicativo para a sociedade brasileira a partir da análise das classes trabalhadoras urbanas. Esse autor demonstra que a perspectiva holista convive numa sociedade moderna/individualista e que essa permanência do ideário tradicional/hierárquico aponta para os limites de uma concepção que se considera universal. É desse modo que esse autor reivindica que a existência de uma cultura de classe requer a relativização da construção social da pessoa moderna. É importante ressaltar que segundo Duarte (1986), a noção de cultura é essencial para captar os sentidos das ações das classes trabalhadoras.

De outra parte, tanto Simone Guedes, na obra intitulada “Jogo de Corpo: um estudo de construção social de trabalhadores”, quanto Cláudia Fonseca, no livro “Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero violência em grupos populares”, assim como Adriane Boff, no seu livro intitulado “O namoro está no ar... na onda do outro: um olhar sobre os afetos em grupos populares”, relativizam o ideário moderno, ao apresentar lógicas que são particulares a uma cultura de classe.

Segundo BOFF (1988), a identidade dos sujeitos de grupos populares é fruto de uma estratégia (e não de um projeto, em comparação com as camadas médias) que tem como idéia-valor norteadora a família, a localidade. A modalidade de afeto apresentada por Boff (1998), também é um elemento que contrasta com as representações das camadas médias sobre o “amor romântico”.

No Presídio Estadual de Rio Grande, quando se fala em “amor”, também não está em cena o “amor romântico” e sim uma modalidade diferente de “amor”, que como afirma BOFF (1988) é:

Uma emoção forte, terrena e cotidiana, em detrimento de orações ou súplicas que milagrosamente estabeleçam a harmonia (ideal) entre os sexos. Aqui, portanto, destaca-se outra forma de perceber e manifestar afetividades: o amor fascina, é sedutor; é também traiçoeiro e pode ser, do mesmo modo, fonte de malefícios. Muito diferente do emblema romântico onde ‘se ama o amor’, pois ele se localiza numa aura de sentimentos nobres, o amor, aqui, como disse Calmo,... ‘é coisa do diabo’ (BOFF, 1988, p. 144).

Boa parte dos agentes penitenciários não aprovam a realização de casamentos na cadeia, por julgarem que os casamentos que acontecem por lá, são “*sem amor*”, “*só para transar*”.

De outra parte, para as mulheres presas, o casamento é o único caminho para ficar próximo do namorado e receber apoio tanto financeiro como afetivo. O casamento não é um cerimônia desejada, mas o simples cumprimento de um requisito, capaz de fazê-las receber, por parte da casa prisional, a autorização para as visitas íntimas.

Nesse sentido, Janice entende que “*é bobagem deles fazer o cara se casar porque podia muito bem liberar a liga, né? Não é nada, não é nada, é um dinheiro que o cara gasta. Podendo gastar com tanta coisa tem que gastar com casamento*”.

Janice conheceu o marido por carta e como não teve oportunidade de “*liga*”, foi “*obrigada a casar*” depois de seis meses de “*namoro virtual*”. A mãe do noivo foi quem se responsabilizou pelos trâmites legais, fazendo toda a “*correria*”. Para ela, não foi fácil participar da cerimônia, motivo pelo qual justificou o fato de ter “*casado chapada*”. Sobre a cerimônia conta que foi

Simplezinha, mas para mim foi bom, né? Veio a família dele de testemunha. Só a família dele porque da minha família não veio ninguém. Foi bom. Eu gostei. Foi às 10 hs da manhã. Em vinte minutos nos casamos. Estava a família dele, a minha sogra e as guardas. Algemada ainda. Não precisava disso, mas fazer o quê? Não precisava ser algemado porque é demais porque foi aqui na frente, na portaria. Algemado. Bá! A minha sogra pediu para deixarem ela bater uma foto, mas não deixaram.

Já Tamires desistiu do casamento no dia anterior porque “*um relacionamento assim é estranho, entendesse? A gente acaba conhecendo muita gente, mas a gente não se conhece. Só se conhece por... o namoro é por beijo, cartinha. Carta eu tenho um monte, né? Bilhetinho, essas coisas assim... É estranho, né? Uma pessoa que tu não tem nem contato, que tu não conhece*”.

Tamires chegou a planejar como seria o casamento, dizendo:

Eu vou me arrumar normal. Ua roupa normal que a gente bota. Não sei como é que é. Vou botar batom, lápis, uma coisa assim. Mas eu vou estar trabalhando no dia, gurial! Que horror gurial! Imagina! Não! A gente não pode se arrumar muito aqui, né? É camiseta, uma blusa, uma legue, uma coisa assim que a gente pode. É, eu quero ver se eu boto uma baby-look, uma blusinha mais curtinha. Arrumadinha, o quê? Eu tenho direito de me arrumar. A... (agente) disse: Vou comprar uma calcinha bem puta p/ Tatiane. Ela vai ver, disse ela. Que vergonha gurial! Que micão vai me fazer pagar! Eu sou toda envergonhada, né? Deus me livre! Toda envergonhada! Não sei como é que eu vou fazer. Mais vergonha me da por causa da aliança. Vai saber se tem que falar palavrinhas na hora de enfiar a aliança no dedo. Aí pelo amor de Deus! Não faz isso comigo! Imagina! Todos os agentes ali, rindo, debochando! Eu morro de vergonha! Apavorada! Eu

disse p/ ele que eu vou matar ele se ele falar bobagem. Que ele é todo cheio de coisinha, né?...

O impasse de Tamires sobre se deveria ou não casar, gerou muitas controvérsias. Dona Maria entendeu que:

[...] tem que casar! Já pensou ir no cartório, encaminhar tudo e chegar na hora não querer casamento? Ah! Não! É vergonha para mãe dele que encaminhou tudo, né? Pô! Fazer uma pessoa já de idade encaminhar tudo e chegar na hora e dizer um não. Isso aqui não é na rua que tu diz não e pronto. Vira as costas e sai caminhando. Aqui não.

A visita íntima acontece numa cela onde pode ter até quatro casais. Dona Maria, a este respeito, conta que: *“Muitas vezes se briga, se discute, quer dizer que não é como se tivesse na rua, que se casa, se descasa. Pode dar certo, pode ser que não deu. Ninguém ta vendo nada, né? Na rua tu até pode dizer assim: Eu tava indo e tropecei e caí e machuquei a cara. E aqui?”*

No entanto, apesar das adversidades, Janice não se arrepende de ter casado. Sua única reclamação é que as visitas são poucas, assim, no resto do tempo o namoro “é só por janela”.

REFERÊNCIAS

- BOFF, Adriane. **O Namoro está no ar... Na onda do outro: um olhar sobre os afetos em grupos populares.** Santa Cruz do Sul; Edunisc, 1988.
- DUARTE, Luis Fernando Dias. Da Vida Nervosa nas classes trabalhadoras urbanas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.
- DUMONT, Louis. 'Introdução' e 'Do Sistema à Estrutura'. In: **Homo Hierarchicus.** São Paulo: EDUSP, 1992, p. 49-67, 83-115.
- FONSECA, Cláudia. **Família, fofoca e honra: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares.** Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRS, 2000.
- GUEDES, Simoni Lahud. **Jogo de Corpo: um estudo de construção social de trabalhadores.** Niterói, RJ: EDUFF, 1997.
- LEMGRUBER, Julita. **Cemitério dos vivos: análise sociológica de uma prisão de mulheres.** 2.ª ed., Rio de Janeiro: Forense, 1999.